

Da edificação da estrutura de Formação Profissional à inserção no mercado do Emprego em Cabo Verde

Lúcio Cabral Mendes

Infâncias e Direitos na Escola: múltiplas experiências

Roseli Inês Hickmann

Princípios e paradigma da racionalidade pedagógica de António Sérgio

José Carlos de Oliveira Casulo

A Forclusão do Pai. Sobre a loucura de João José Dias em *O que fazem as mulheres*

Sérgio Guimarães de Sousa

Narrativas biográficas e mediação artística e cultural: o contributo de José Viale Moutinho

Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos

Linguagem e autismo: uma abordagem da ecolalia à luz da transgressão de formas verbais culturalmente estabelecidas

Glória Carvalho

Descrição e análise de um dialeto do português do Brasil: a fada do povo gurutubano

Maria do Socorro Vieira Coelho

***Homo homini lupus*: acerca da licantropia**

João Guilherme Dayrell de Magalhães Santos

Sir Richard Francis-Burton. O viajante-tradutor arquetípico e a sua relação com o Brasil

Eduardo Batista

Testemunho em *La dispartion*, de Georges Perec

Jacques Fux

***O Compleat Account of the Portuguese Language* e a primeira *Grammatica Anglo-Lusitanica* (Londres, 1701): a discussão da autoria de 1859 até 1970**

Rolf Kemmler

AGÁLIA

REVISTA DE ESTUDOS NA CULTURA

número

105

1º semestre 2012

DIREÇÃO

Roberto Samartim López-Iglésias
 Universidade da Corunha
 Galabra (Universidade de Santiago Compostela, USC)

M. Felisa Rodríguez Prado
 Universidade de Santiago de Compostela, Galabra

SECRETARIA TÉCNICA (Adjunta à direção)

Cristina Martínez Tejero
 Universidade de Santiago de Compostela, Galabra
 Universidade de Vigo

CONSELHO DE REDAÇÃO

Antón Corbacho Quintela
 Universidade Federal de Goiás; Galabra (USC)

Carlos Velasco Souto
 Universidade da Corunha

Graziella Moraes Dias da Silva
 Universidade Federal do Rio de Janeiro

Luís García Soto
 Universidade de Santiago de Compostela

M. Adriana Sousa Carvalho
 Universidade de Cabo Verde

M. Carmen Villarino Pardo
 Universidade de Santiago de Compostela, Galabra

M. Teresa López Fernández
 Universidade da Corunha

Márcio Ricardo Coelho Muniz
 Universidade Federal da Bahia

Maria das Dores Guerreiro
 I.U. de Lisboa (CIES-ISCTE)

Mihai Iacob
 Universitatea din Bucuresti

Pablo Gamallo Otero
 Universidade de Santiago de Compostela

Rosa Verdugo Matés
 Universidade de Santiago de Compostela

Vanda Anastácio
 Universidade de Lisboa

Xerardo Pereiro Pérez
 Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro

CONSELHO CIENTÍFICO

Álvaro Iriarte Sanromán (Universidade do Minho; Galabra, USC)

António Firmino da Costa (I. U. de Lisboa, CIES-ISCTE)

Arturo Casas Vales (Universidade de Santiago de Compostela)

Carlos Costa Assunção (Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro)

Carlos Quiroga (Universidade de Santiago de Compostela)

Carlos Taibo Arias (Universidad Autónoma de Madrid)

Celso Álvarez Cáccamo (Universidade da Corunha)

Francisco Salinas Portugal (Universidade da Corunha)

Elias J. Torres Feijó (Universidade de Santiago de Compostela, Galabra)

Gilda da Conceição Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro; Real Gabinete Port. de Leitura)

Inocência Mata (Universidade de Lisboa)

Isabel Morán Cabanas (Universidade de Santiago de Compostela)

José António Souto Cabo (Universidade de Santiago de Compostela)

José Luís Rodríguez (Universidade de Santiago de Compostela)

José-Martinho Montero Santalha (Universidade de Vigo)

Júlio Barreto Rocha (Universidade Federal de Rondônia)

Marcial Gondar Portasany (Universidade de Santiago de Compostela)

Onésimo Teotónio de Almeida (Brown University)

Raul Antelo (Universidade Federal de Santa Catarina)

Regina Zilberman (Universidade Federal de Rio Grande do Sul)

Teresa Cruz e Silva (Universidade Eduardo Mondlane)

Teresa Sousa de Almeida (Universidade Nova de Lisboa)

Tobias Brandenberger (Universität Göttingen)

Yara Frateschi Vieira (Universidade Estadual de Campinas)

AGÁLIA. REVISTA DE ESTUDOS NA CULTURA

ISSN: 1130-3557
 DEPÓSITO LEGAL: C-250-1985 (versão papel)
 EDITA: Associação Galega da Língua (AGAL)
 URL: <http://www.agalia.net>
 ENDEREÇO-ELETRÓNICO: revista@agalia.net
 ENDEREÇO POSTAL: Rua Santa Clara nº 21
 15704 Santiago de Compostela (Galiza)
 PERIODICIDADE: Semestral (números em junho e dezembro)

ASSINATURA

(https://espaciosseguro.com/agalia/inscricao_agalia.html)
 Versão eletrónica (2 números/ano): 20€
 Versão impressa (2 números/ano):

<i>Estado Espanhol</i>	20€ Sócios/as AGAL	30€ Não sócios/as
<i>Europa</i>	28€ Sócios/as AGAL	38€ Não sócios/as
<i>Resto do mundo</i>	31€ Sócios/as AGAL	41€ Não sócios/as

Contacto: agalia@agal-gz.org
 Envio de originais: <http://www.agalia.net/envio.html>
 Normas de Edição no fim do volume e em
<http://www.agalia.net/normas-de-edicao.html>

Narrativas biográficas e mediação artística e cultural O contributo de José Viale Moutinho

Leonor Martins Coelho

Universidade da Madeira | Centro de Estudos Comparatistas (FLUL) — Portugal

Thierry Proença dos Santos

Universidade da Madeira | CLEPUL (FLUL) — Portugal

Resumo

O objetivo do presente artigo é dar a conhecer uma interessante faceta da literatura de ficção de José Viale Moutinho que, no âmbito dos livros para jovens leitores, estabelece diálogos com o mundo de criadores considerados relevantes das Artes e Letras.

Palavras chave: José Viale Moutinho — Sá de Miranda — William Shakespeare — Henrique Pousão — Dominguez Alvarez — Fernando Pessoa — Narrativas biográficas — Intertextualidade — Cultura visual.

Biographic Narratives, Artistic and Cultural Mediation José Viale Moutinho's Contribution

Abstract

An interesting aspect of José Viale Moutinho's fiction is that, in his books for young readers, the author often establishes dialogues with the world of creators considered relevant in the fields of Arts and Literature. The purpose of this paper is to make this interesting aspect of his fiction more widely known.

Key words: José Viale Moutinho — Sá de Miranda — William Shakespeare — Henrique Pousão — Dominguez Alvarez — Fernando Pessoa — Biographic Narratives — Intertextuality — Visual Culture.

Receção: 26-12-2011 | Admissão: 20-01-2013 | Publicação: 30-11-2013

COELHO, Leonor Martins e Thierry Proença dos SANTOS: "Narrativas biográficas e mediação artística e cultural: o contributo de José Viale Moutinho". *Agália. Revista de Estudos na Cultura*. 105 (2012): 105-117.

1. Introdução

O lugar da educação cultural na formação dos jovens é tema amplamente debatido no campo da Educação, legitimado ora por projetos escolares, ora pela atenção dos formadores/professores, ora, ainda, pelos encarregados de educação, inteirados da mais-valia que esses conhecimentos plurais, interdisciplinares e transversais oferecem. Com o intuito de promover não só as competências linguísticas e literárias do jovem leitor, mas também as competências no desenvolvimento da sua criatividade e conhecimentos gerais em torno da Cultura, Literatura e História, os livros destinados à Infância e Juventude adquirem, nesse sentido, um papel relevante (Azevedo, 2007).

Se considerarmos que a educação prepara as crianças e jovens para os desafios que o mundo actual acarreta, será então expectável que uma formação sólida, que contemple conhecimentos de várias ordens, desenvolva não só um sentimento de auto-confiança como também competências imprescindíveis para uma melhor e adequada atuação. Como se pode ler na “Introdução” do documento *Educação Artística e Cultural nas Escolas da Europa* (2010: 9) da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura: “[o]s sistemas educativos reconhecem cada vez mais a importância de desenvolver a criatividade das crianças e de contribuir para a sua educação cultural”.

Nessa ordem de ideias, parece-nos oportuno dar a conhecer uma significativa faceta da produção de José Viale Moutinho no tocante à literatura de recepção infanto-juvenil, mais concretamente aos livros que dialogam com a Literatura e com a Pintura. Acreditamos que os livros deste escritor, em particular os que nos propomos analisar, proporcionarão ao jovem leitor, quer em contexto de sala de aula, quer no seu lar, experiências de leitura com alcance lúdico, estético e cognitivo.

2. Biografias ficcionadas, intertextualidade e diálogo inter-artes

O nosso estudo abordará os primeiros cinco livros de Viale Moutinho que convocam escritores e pintores cujas personalidades e obras merecem, na ótica do autor, especial destaque, a saber: as narrativas biográficas *Fernando Pessoa (o Menino de sua Mãe)*, com ilustrações de Fernando Oliveira, *A História de William, a Possível Infância de Shakespeare*, com ilustrações de José Emídio, bem como *A Conferência do Professor Lagosta (sobre a vida de Francisco Sá de Miranda)*,

igualmente ilustrado por José Emídio; as narrativas imaginárias inspiradas em quadros de pintores como *A Cidade das Pessoas Tortas*, que recorda o artista plástico, de ascendência galega, Dominguez Alvarez (1906-1942) e *A Menina da Janela das Persianas Azuis*, com ilustrações de José Emídio articuladas com sete telas de Henrique Pousão (1859-1884).

José Viale Moutinho reconhece que, depois de ter publicado o conto sobre Fernando Pessoa, teve a ideia de “continuar a escrever sobre escritores e pintores” (Maldonado, 2009: 5). Até porque, em Portugal, estes diálogos inter-artes e as narrativas biográficas são, como refere Paulo Alexandre Pereira (2009: 66) a propósito do livro *O Homem e as Palavras: A Vida do Poeta Eugénio de Andrade*, “modestamente representado[s] no campo da literatura de potencial receção infanto-juvenil, sobretudo quando se trata de recontar para um público jovem a trajetória vital de personalidades destacadas do panorama artístico nacional”. Ainda assim, não podemos deixar de sublinhar que se tem verificado nos últimos anos um considerável investimento editorial no sentido de preencher essa lacuna: a galeria de ficções biográficas de figuras notáveis da História ou das Artes e Letras não tem parado de crescer¹. Em entrevista inédita que nos concedeu², o próprio autor revelou ter escrito narrativas sobre a vida de outros vultos, nomeadamente D. Sebastião, que ainda está por publicar, assim como Kafka e Amadeo Souza-Cardoso, que vieram recentemente a lume³.

Em todo o caso, concordamos com Viale Moutinho no pressuposto de que este diálogo com criadores exemplares pode apresentar-se como uma estra-

1. A título exemplificativo, podemos indicar títulos como *O Menino que se Apaixonou por uma Guitarra*, Carlos Paredes (2004) de José Jorge Letria (ilustrações de José Emídio), *O Meu Primeiro Fernando Pessoa* (2006), de Manuela Júdice (ilustrações de Pedro Proença), *O Grande Pintor (baseado na vida de Júlio Resende)* (2006) de Conceição de Sousa Gomes (ilustrações de Chico), *A Maçã Vermelha. Viagem à Infância de Sophia de Mello B. Andresen* (2007) de Nuno Higinio (ilustrações de José Emídio), *Zeca Afonso — O Andarilho da Voz de Ouro* (2007) de José Jorge Letria (ilustrações de Evelina Oliveira), *O Meu Primeiro Miguel Torga* (2009) de João Pedro Méseder (ilustrações de Inês de Oliveira), *A Minha Primeira Sophia* (2009) de Fernando Pinto do Amaral (ilustrações de Fernanda Fragateiro), *O Homem e as Palavras. A Vida do Poeta Eugénio de Andrade* (2009) de Conceição de Sousa Gomes (ilustrações de Chico), *Camões, o Super-Herói da Língua Portuguesa* (2010) de Maria Alberta Menéres (ilustrações de Fernanda e José Fragateiro).

2. Entrevista que integra um estudo que temos vindo a desenvolver, intitulado *A Literatura para a Infância e Juventude: Percursos e Discursos de Autores da Madeira*, e que será publicado em breve.

3. *Amadeo de Souza-Cardoso e Franz Kafka*, com textos de José Viale Moutinho e ilustrações de Jorge Miguel, apareceram na lisboeta Didáctica Editora, em 2013, integrando a coleção “Chamo-me...”.

tégia eficaz para sensibilizar o jovem leitor e educar o seu sentido estético. Sobre esta preocupação pedagógica, Laura Castro (2009: 12) afirma: “Estas obras destinadas à infância são um excelente modo de divulgação da cultura [...], um despertar para a arte, um convite à descoberta do mundo dos artistas, das obras e dos museus”.

Nesse sentido, vale a pena observar os artefactos plurais que a escrita de Viale Moutinho sustentou, ao dialogar com pintores, escritores e ilustradores, num jogo em que traços intertextuais se completam ou se confrontam. Com efeito, a mediação cultural que estes livros proporcionam vai possibilitar uma vivência mais intensa com a Arte e a Literatura, ao permitir que o jovem leitor esteja a par da vida e obra do(s) criador(es), o que faz com que a sua percepção dos processos criativos e das linguagens artísticas se amplie. Se, por um lado, como sublinha Ana Margarida Ramos (2009: 8), “o visualismo das cenas descritas e o dinamismo do registo [da escrita de Viale Moutinho] cativam e divertem os leitores que se identificam com as personagens”, por outro, os artefactos literários que vamos considerar permitem, efetivamente, que esses jovens possam desenvolver uma compreensão ampla em torno da Cultura-Mundo, em geral, e da sua, a portuguesa, em particular.

Num primeiro passo, abordaremos as narrativas que evocam distintos homens das letras europeias. Seguidamente, a nossa atenção centrar-se-á nos livros que dão a conhecer a vida e obra de dois pintores portugueses pouco divulgados.

3. Ficção literária e vultos marcantes das Letras Europeias

Publicado em 1995, com a chancela da extinta Campo das Letras, o livro intitulado *Fernando Pessoa (o Menino de sua Mãe)* encena o diálogo, numa combinação do fictício e do fantástico, estabelecido entre o pequeno Francisco, que vem do Porto, e a famosa estátua de bronze de Fernando Pessoa, da autoria de Lagoa Henriques, que se encontra na esplanada do café “A Brasileira”, em Lisboa. A lembrar o duplo assombroso romântico, a figura inanimada antropomorfiza-se ao ser inquirida pelo jovem protagonista, não para castigar — como faria a estátua do Comendador —, mas para interagir diretamente com o jovem que se interessa por ele e pela sua obra. Como refere Carla Martins (2009: 13), é “a presença da criança que dá vida ao objeto, numa espécie de transfiguração

mágica” e, puxado pela força da imaginação do menino de oito anos, Fernando Pessoa presta-se a uma exclusiva conversa com ele, na via pública, sem que ninguém suspeite dessa interação.

No traço de Fernando Oliveira, a estática figura esverdeada alterna com o animado poeta de fato, chapéu e *papillon* pretos, com camisa branca e óculos de aro redondo. Nesse diálogo confidencial e cúmplice, o autor de *Mensagem* lembra os seus múltiplos heterónimos (Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro), o semi-heterónimo (Bernardo Soares), bem como o Chevalier de Pas, a primeira instância que imaginou para com ele comunicar. Trata-se, pois, de um artefacto que possibilita aos mais novos um primeiro contacto com uma figura incontornável da Literatura Portuguesa.

Para melhor captar a atenção do jovem leitor, o texto regista, através das recordações do Poeta, os primeiros versos dedicados à figura materna, bem como os momentos mais marcantes da história familiar, designadamente a infelicidade de ter perdido o pai e o irmão, o segundo casamento da mãe e a mudança de vida radical, quando a nova família se instala na África do Sul. As ilustrações de Fernando Oliveira, baseadas em documentos autênticos e cenários reais, exemplificam esses percursos nostálgicos de Fernando Pessoa: retratos da meninice e da família, representação do navio que o afastou da Pátria, imagens da esplanada onde agora é fotografado por turistas ávidos de *clichés*. De entre os vários livros de Viale Moutinho que dialogam com figuras do património cultural português, este afigura-se como o texto que melhor se adapta ao leitor mais novo, pela clareza da exposição, pela brevidade dos assuntos selecionados, pela linguagem acessível e pelo jogo cativante entre o mundo real e o mundo imaginário.

Sob os auspícios da mesma editora, o livro *A História de William, a Possível Infância de Shakespeare*, publicado em 2005, evoca a vida envolta em mistério deste vulto da Literatura Universal e propõe uma narrativa desdobrada em duas situações possíveis, relativamente à infância do protagonista. O conto apresenta o cenário — o centro de uma vila com feirantes, na Inglaterra de quinhentos, como a própria capa ilustra — e William, um jovem rapaz que, atendendo às dificuldades económicas da família, se oferece para efetuar pequenos trabalhos na feira de Stratford-upon-Avon. Ao ajudar a construir um teatro de rua, onde se exhibirá uma peça de Shakespeare, deparar-se-á com uma cigana que

lhe prediz fama na arte da escrita. Nessa hábil (con) fusão temporal, muito característica da escrita de Viale Moutinho⁴, o jovem William é atingido por uma tábua da cobertura do palco e perde os sentidos. O estado inconsciente do protagonista levá-lo-á, num delírio onírico, a traçar uma história familiar diferente e a imaginar-se com uma vida melhorada. Note-se que o argumento, ao permitir à personagem alternar entre o papel de menino-rico e o de menino-pobre, tem pontos de contacto com o conto “O Príncipe e o Mendigo” que a tradição popular terá ditado a Mark Twain.

Desta vez, William pertence a uma família abastada e deve dirigir-se para Londres e aí permanecer uma larga temporada. Durante o trajeto, o pequeno trava conhecimento com outros viajantes e não resiste a provar um licor oferecido. O efeito é imediato. Tal como acontece em *Sonho de uma Noite de Verão*, é transportado para um mundo feérico. Aí ele vai deparar-se com o gnomo Godofredo. Temos, deste modo, um sonho dentro do sonho, numa construção em *mise en abîme* que amplia o irreal, o ilusório e o fantástico. À semelhança da cigana que anuncia ao ‘primeiro’ William uma carreira de sucesso, o gnomo também lhe augura fama por toda a Europa. Dir-lhe-á, ainda, para não temer as consequências de um incêndio que destruirá os seus manuscritos, porque os seus textos teatrais não só constarão da memória de atores que vão continuar a interpretá-los como alguns deles se encontram já traduzidos. Assim sendo, a obra não corre o perigo de desaparecer. As duas veias narrativas, constituídas como um díptico, uma representando o mundo tangível (o desmaio provocado pela tábua do teatro de feira que o atingiu) e a outra assente no mundo dos sonhos (desencadeado pelo efeito do licor degustado) convergirão no final do livro. Com efeito, uma vez despertado do primeiro desacordo, o jovem recupera a sua primeira identidade. No entanto, o desenlace deixa que o leitor permaneça na dúvida relativamente às duas situações ficcionadas. Ao dirigir-se a casa para se recompor da dor de cabeça que ainda o importuna, William entrevê o gnomo no quintal de sua casa. Sonho ou realidade? Verdade ou fantasia? Facto incontestável, como sublinha o narrador, é o escritor inglês ter-se tornado fa-

4. V. Leonor Martins Coelho. “Leituras de uma Cidade Insular: Crónicas de Ricardo França Jardim e Contos de José Viale Moutinho”. *O Funchal (d)Escrito — Ensaios sobre Representações Literárias da Cidade*. Org. Ana Isabel Moniz, Ana Margarida Falcão, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos. Vila Nova de Gaia: 7 dias 6 noites, 2011. 190.

moso não só pelos seus sonetos, mas sobretudo pelas suas mais de trinta peças de teatro, entre as quais *O Mercador de Veneza*, *O Rei Lear*, *Macbeth*, *Romeu e Julieta*, assim como *Hamlet*, *o Príncipe de Dinamarca*.

Através do jogo que propõe a história de duas infâncias possíveis, o subtítulo do livro de Viale Moutinho assinala a falta de dados biográficos sobre o dramaturgo que a sua imaginação vem preencher. De qualquer forma, mais importante do que a vida do autor é a obra que o celebra e que faz refletir o público/leitor sobre intrigas e desajustes familiares, avareza e generosidade, amor e hipocrisia. Apesar da sua forte componente didática, o livro em apreço cativa, porque a arte de narrar de Viale Moutinho e a profusa e sugestiva ilustração de José Emídio concorrem para que a atenção do jovem leitor enverede pela magia da(s) estória(s) e das suas representações.

Em *A Conferência do Professor Lagosta: sobre a Vida do Poeta Francisco Sá de Miranda*, editado em 2007 com a chancela de Inovação à Leitura, Viale Moutinho cria um engenhoso enredo em meio escolar, em que o aluno Alberto propõe à professora Ana a encenação paródica de uma conferência sobre Sá de Miranda. O texto vai, deste modo, possibilitar que o leitor assista a um teatro dentro da narrativa. Esse discurso, que remete para o metateatro, deverá provocar reflexões estéticas acerca do fenómeno teatral, promover a rutura da ilusão dramática, assinalar as relações da representação artística com o real e gerar o efeito de distanciamento crítico. Os sentidos brotam das falas e réplicas das personagens, inevitavelmente condicionadas pela situação de comunicação. Tratando-se da história de uma encenação, o autor não deixará de montar e de desmontar jogos da representação, como o artificialismo da atuação, a paródia, a interação dos atores com a audiência, o golpe de teatro, a entrada a destempo de uma personagem ou o improvisado.

Do ponto de vista dos conteúdos, a escrita reenvia novamente para o século XVI, retomando as circunstâncias que marcaram o percurso desse escritor. Amigo de Bernardim Ribeiro e discordante da dramaturgia de Gil Vicente, Sá de Miranda, oriundo de Coimbra, revela-se como pouco dado à vida mundana da Corte, mas muito viajado. No entanto, optará por terminar os seus dias em Portugal, no solar da Casa da Tapada, na localidade de Amares (Minho). São estas, entre muitas outras, as indicações que pontuam a divertida conferência proferida pelo Professor Lagosta, aquando de uma festa na escola. De acordo

com a tirada da Professora Sílvia, no final do enredo, o leitor fica a saber que essa escola já recebeu as visitas de importantes escritores ligados à literatura para a infância e juventude, a saber: Alice Vieira, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães e o próprio Viale Moutinho. O sentido de humor e de auto-derisão do autor não passa aqui despercebido.

O livro, constituído por oito partes, dá a conhecer alguns excertos da poesia de Miranda, como, por exemplo, a trova intitulada “Comigo me desavim”, através da declamação do aluno Francisco. Entre o lúdico e a preocupação didática que a escrita de receção infantil costuma acalentar, o jovem leitor ficará a saber o que é uma “écloga”, uma vez que a Professora Sílvia recorda a composição poética “Basto”, que encena a conversa entre os pastores Bento e Gil. Por sua vez, a aluna Alexandra declama um “vilancete” e o professor Anastácio Beleza sai da letargia da sesta para informar a assistência das viagens empreendidas pelo Poeta, focando, ainda, a controversa em torno do seu nascimento, já que 1481 e 1495 são, tradicionalmente, as duas datas apontadas. Há que destacar, também, a referência ao trabalho de compilação e divulgação da poesia palaciana da época, o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, bem como outras balizas relevantes a interiorizar pelo jovem leitor: Sá de Miranda viveu na época das grandes viagens marítimas empreendidas por Vasco da Gama e por Álvares Cabral. As delicadas ilustrações de José Emídio, revezadas de quando em vez com o texto, referem os momentos marcantes da encenação dos alunos da escola, terminando com dois retratos do escritor celebrado, produzidos não por imagens atestadas que tivessem atravessado o tempo, mas por impressões que dele permaneceram. É que Sá de Miranda “[n]ão era vaidoso nem gostava de ser retratado, como os fidalgos e os outros escritores” (Moutinho, 2007: s/p). Porém, a sua perenidade manter-se-á através da “sua derradeira casa, no seu túmulo ali perto, na igreja de S. Martinho de Carrazedo, nas compassadas reedições dos seus versos e peças de teatro, que foram decisivos na transformação da Literatura Portuguesa da época” (*ibid.*: s/p).

4. Ficção Literária e vultos marcantes da Pintura Portuguesa

Resultante de um processo criativo que se desenvolve a partir da observância de um conjunto de quadros do pintor Dominguez Alvarez, o livro *A Cidade das Pessoas Tortas* compõe uma sequência textual que reenvia, de imediato, para o

mundo do inconsciente, do sonho e da imaginação não controlada. Quer isto dizer, como refere Diana Pimentel (2009: 15), que o autor “constrói uma narrativa, a um tempo onírica e realista, em que a pintura parece aqui ser o referente a que a ficção se reporta, ecfrástica no sentido em que se estabelece uma relação de ‘correspondência’ entre os processos da escrita e da arte”. Com efeito, o discurso desenrola-se respondendo às sugestões (de ficção) que os onze quadros do pintor, organizados como um fio condutor e intercalados no texto graças a uma paginação alternada, proporcionam.

Estabelecida essa íntima relação entre as telas e o texto, o leitor vai acompanhando as várias etapas do sonho do Sr. Inácio, o protagonista do conto. Ainda assim, há que destacar o sentido crítico da voz autoral. De facto, neste mundo do inconsciente, o frenesim da construção que se foi apoderando das sociedades ditas mais desenvolvidas não deixa de ser sublinhado. Essa disforia causa ruídos ensurdecedores e desfigura a paisagem respeitadora da dimensão humana, de tal modo que, face à nova configuração da urbe, as personagens ficam tortas, em equilíbrio instável. Nesse contexto, ganha maior relevo o episódio do funeral do arquiteto Rodrigues que sonhara, em vão, com uma cidade pensada para crianças, a acolher, de igual modo, jovens e famílias, numa dinamização diferente que contraria os desejos avassaladores das empresas de construção civil. Ora, entre a nostalgia dos espaços sociais que asseguravam laços afetivos e a visão irónica que a atual megalomania suscita, a força das imagens de Dominguez Alvarez vem alimentar a veia crítica de Viale Moutinho, traduzida simbolicamente numa narrativa de ficção que estabelece uma ponte entre os espantos manifestos nos quadros e os da escrita autoral. Este livro parece então destinar-se não só ao jovem leitor, como também a um público adulto.

O livro *A Menina das Janelas das Persianas Azuis* incorpora cinco contos de Viale Moutinho, sendo cada um deles motivado por um quadro do pintor Henrique Pousão. As ilustrações de José Emídio, em aguarela, enquadram os textos e os pormenores das telas de Pousão, estabelecendo um contraste que realça as linguagens artísticas em jogo. A este propósito Teresa Nascimento (2010: 337) afirma que o livro de Viale Moutinho assenta “na cumplicidade entre a pintura e a ilustração, num jogo entre dois tempos de que a escrita se faz mediadora — o da pintura, que antecede o ato de escrita, o da ilustração, posterior, numa relação de encadeamento de sentidos”, potenciando o cariz pedagógico deste artefacto cultural.

O primeiro e o terceiro contos constituem efabulações bem-humoradas. Os restantes configuram-se como criações ficcionistas de episódios biográficos do pintor em apreço. A narrativa “A Menina da janela das persianas azuis”, cujo título remete para um famoso quadro de Henrique Pousão, encena uma figura míope e atabalhoada chamada Dr. Praça, docente de profissão, a quem o médico aconselha a tomar ares no campo. Para vislumbrar o pano de fundo que contextualiza a situação evocada, convém lembrar que a tuberculose era, no Portugal do séc. XIX, um dos principais flagelos da saúde pública, tendo vitimado o próprio pintor na força da idade. Num passeio pelo campo, o protagonista enamora-se por um vulto feminino que viu à janela de uma casa afastada mas descobre que se trata, afinal, de uma senhora de idade, com noventa anos, tendo sido, pois, atraído pela sua miopia. O segundo conto, intitulado “Mestre Henrique e Mestre Bepo”, apresenta-nos o artista na Itália, ali vivendo com uma pequena bolsa, a recordar que, já na altura, o País pouco acarinhava os seus artistas. Da questão da arte às dificuldades pelas quais passam os artistas, Viale Moutinho irá evocar a condição de um outro grupo social desapoiado e a viver com dificuldades. Assim, em “Histórias do Pescador”, o Mestre Domingos Maio dá conta das agruras da vida, quando dois estudantes o entrevistam com o fito de realizarem um trabalho escolar. Aliás, a preocupação com o registo de vivências dos desfavorecidos parece ocupar tanto a escrita de Viale Moutinho como a pintura de Henrique Pousão. Nesse sentido, é significativo “O retrato do mendigo Lapita” da quarta narrativa, focando as relações por vezes difíceis entre o modelo e o artista. O último conto do livro, “O primo Matroco”, evoca os últimos dias da vida do pintor e o seu último quadro, que não chegou a datar nem assinar. Essa incursão biográfica matizada com ficção verosímil servirá também de pretexto para o narrador sugerir ao leitor uma visita ao Museu Nacional Soares dos Reis. Dirigindo-se diretamente ao jovem recetor que trata por “tu”, a voz do texto conclui do seguinte modo: “encontras lá não só este [*Pátio da Casa do Primo Matroco*]”, como muitos outros quadros de Henrique Pousão” (Moutinho, 2008: 41).

Em todo o caso, esta obra de Viale Moutinho apresenta-se como um artefacto verdadeiramente plural, onde o diálogo inter-artes é enriquecido por essa “sobreposição de registos visuais” (Castro, 2009: 12). O narrador vai desenvolver uma reflexão subtil em torno da noção de Arte, não só a canónica,

como também a popular. Por via destes contos, figuras, tempos e lugares, o leitor terá acesso a elementos que lhe permitem compreender melhor os artistas e as suas obras, a relação deles com o mundo real e a forma como concebem o mundo da criação, do sonho e da fantasia. Respondendo a uma preocupação educativa e escrevendo-se na defesa de valores culturais, ambos os livros fecham com uma nota biográfica sobre o artista distinguido: o primeiro resume “A Vida de Dominguez Alvarez” e o segundo evoca “Pousão, o Magnífico pintor”.

5. Síntese conclusiva

Nos livros de Viale Moutinho que acabámos de analisar reconta-se a vida de artistas distintos, transmuda-se a escrita biográfica em estória cativante, revisita-se as obras que criadores exemplares nos legaram e, sobretudo, como sublinha Sara Reis da Silva (2010: 69) a respeito de *O Meu Primeiro Miguel Torga*, reage-se “contra o ‘apagamento’ do domínio público e/ou institucional de algumas das personalidades mais exemplares” das Artes e Letras.

Estas narrativas inspiradas quer na vida dos vultos convocados, quer nas suas obras, têm qualidades discursivas, literárias e imaginativas suscetíveis de prender a atenção dos jovens leitores. Efetivamente, a escrita de Viale Moutinho reconfigura episódios da vida de talentos criativos e propõe exercícios de leitura de quadros, que, como observa José António Gomes (2010: 67) a propósito do livro *Camões, o Super-Herói da Língua Portuguesa*, “porventura, lhes alarga a imaginação e a inteligência, lhes proporciona uma experiência, simultaneamente emotiva e cultural, positiva e duradoura, lhes franqueia, neste caso, o acesso à grande poesia e à arte em geral”.

Assim, pela mediação do livro e por artes de contar e de ensinar, Viale Moutinho visa, em sintonia com o que recomenda o citado documento *Educação Artística e Cultural nas Escolas da Europa*, permitir aos jovens “tornarem-se consumidores de artes e intervenientes informados nesse domínio”, sem descuidar a experiência das emoções, dos saberes e da fantasia que a literatura de ficção proporciona. Naturalmente, outras competências tornar-se-ão, depois, mais fáceis de adquirir para um ser em permanente (re)construção.

Ao suscitar a desejável curiosidade do público mais jovem relativamente à vida e obra dos vultos evocados, Viale Moutinho, no seu assumido papel de mediador cultural, não somente presta homenagem a homens das Artes e Letras

por quem nutre uma grande admiração, como também estabelece marcos de referência para a construção de um cânone cultural. Em suma, estes livros foram concebidos para sensibilizar o jovem leitor em matéria de um património cultural relevante, permitindo-lhe desenvolver competências e conhecimentos nos domínios da História, da Literatura, das Artes Plásticas e da Sociedade das épocas espelhadas.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Fernando. “Construir e consolidar comunidades leitoras em contextos não escolares”. *Formar Leitores. Das Teorias às Práticas*. Fernando AZEVEDO (Coord.). Lisboa — Porto: Lidel, 2007. 149-164.
- CASTRO, Laura. “Sobre dois livros de Viale Moutinho e outros autores”. *Solta Palavra*. 15 (2009): 11-12.
- EACEA P9 EURYDICE. *Educação artística e cultural nas escolas da Europa*. Lisboa: GEPE, 2010.
- GOMES, José António. “Recensão e nota crítica a *Camões, O Super-Herói da Língua Portuguesa*”. *Revista Malasartes*. 20 (2010): 66-68.
- MALDONADO, Manuela. “Conversa com... José Viale Moutinho”. *Solta Palavra*. 15 (2009): 3-5.
- MARTINS, Carla Freitas. “Álbum de memórias: eu sou essa criança”. *Solta Palavra*. 15 (2009): 13-14.
- MOUTINHO, José Viale. *Fernando Pessoa (o Menino de sua Mãe)*, com ilustrações de Fernando Oliveira. Porto: Campo das Letras, 1995 (Col. “Crianças Famosas”).
- *A História de William. A Possível Infância de Shakespeare*, com ilustrações de José Emídio. Porto: Campo das Letras, 2005 (Col. “o sol e a lua”).
- *A Cidade das Pessoas Tortas (sobre quadros do pintor Dominguez Alvarez)*. Porto: Civilização, 2006.
- *A Conferência do Professor Lagosta: sobre a Vida do Poeta Francisco Sá de Miranda*, com ilustrações de José Emídio. Braga: Iniciação à Leitura, 2007. (Col. “Leituras; 2”).
- *A Menina da Janela das Persianas Azuis (sobre sete quadros de Henrique Pousão)*, com ilustrações de José Emídio. Lisboa: Portugália Editora, 2008. (Col. “Tambor de lata”).

- NASCIMENTO, Maria Teresa. “A Menina da Janela das Persianas Azuis — contar pela Arte”. *Actas do 8.º Encontro Nacional (6.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. F. VIANA, R. RAMOS, E. COQUET & M. MARTINS (Coord). Braga: CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho), 2010. 335-346.
- PEREIRA, Paulo Alexandre. “Recensão e nota crítica a *O Homem e as Palavras. A Vida do Poeta Eugénio de Andrade*”. *Revista Malasartes*. 18 (2009): 66-67.
- PIMENTEL, Diana. “Era uma vez uma linha que seguia um quadro e nele entrava”. *Solta Palavra*. 15 (2009): 15-16.
- RAMOS, Ana Margarida. “Da tradição à inovação. Uma leitura de Pedro Pescador de Viale Moutinho e Carla Pott”. *Solta Palavra*. 15 (2009): 6-10.
- SILVA, Sara Reis da. “Recensão e nota crítica a *O Meu Primeiro Miguel Torga*”. *Revista Malasartes*. 20 (2010): 68-69.

Nota curricular

Leonor Martins COELHO é Professora Auxiliar na Universidade da Madeira. É Doutorada em Estudos Interculturais (*A Experiência Ficcional de Gérard Aké Loba: Utopia e Construção da Identidade Pós-Colonial*, dissertação defendida em 2008). É membro do grupo de Estudos “Viagem e Utopia” integrado no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras de Lisboa.

Thierry Proença dos SANTOS é Professor Auxiliar da Universidade da Madeira, desde 2007. É doutorado em Linguística Aplicada. É membro do CLEPUL (F.L.U.L.). Tem vindo a desenvolver pesquisas e estudos sobre produções culturais e literárias na ilha da Madeira.

Contacto

leomc@uma.pt | thierry@uma.pt